

# REVISTA FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

---

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

[www.revistafarol.com.br](http://www.revistafarol.com.br)

ISSN Impresso: **1807-9660**

Vol. 12, Nº 12. 2021 - abril

**Contato:** [revista@farol.edu.br](mailto:revista@farol.edu.br)

## **SOBRE(VIVÊNCIAS) HOMOSSEXUAIS E O EMBATE FAMILIAR**

João Henrique Oliveira Barros

Gilson Gomes Coelho

---

## SOBRE(VIVÊNCIAS) HOMOSSEXUAIS E O EMBATE FAMILIAR

João Henrique Oliveira Barros<sup>1</sup>  
Gilson Gomes Coelho<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, cujo objetivo consistiu em discutir as vivências de pessoas homossexuais no ambiente familiar que em muitos casos acarretam na expulsão/saída de casa. O levantamento dos dados ocorreu durante os meses de setembro e outubro de 2020, nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, biblioteca eletrônica SciELO e banco de dados de teses e dissertações CAPES. Foram selecionados 21 estudos, dos quais foram extraídos dois eixos temáticos: repensando o conceito de família e A Homofobia Familiar. Constatou-se que o tema ainda não possui muitas discussões na literatura. Conclui-se que os homossexuais são violentados em todos os lugares. Nota-se que é necessário fazer com que a sociedade repense os seus comportamentos, na tentativa de romper com as práticas violentas impostas pelas normas sociais. No campo da Psicologia, é de suma importância a utilização dos seus fundamentos, de modo a orientar, de forma adequada, as famílias, ajudando-as na mudança de consciência e positividade da autoestima de seus integrantes, uma vez que essa instituição tem muita influência na produção de subjetividade de seus membros.

**Palavras-chave:** Homofobia familiar. Homossexualidade. Família. Heteronormatividade.

## ABOUT(EXPERIENCES) HOMOSEXUALS AND THE FAMILY STRUGGLE

**Abstract:** This study is characterized as an integrative literature review, whose objective was to discuss the experiences of homosexual people in the family environment that in many cases lead to expulsion / leaving home. The survey of data had occurred during the months of September and October 2020, in the following databases: Google Scholar, electronic library SciELO and database of CAPES theses and dissertations. 21 studies were selected, from which two thematic axes were extracted: rethinking the concept of family and Family Homophobia. It was found that the topic still does not have many discussions in the literature. It follows that homosexuals are raped everywhere. It is noted that it is necessary to make society rethink its behaviors, in an attempt to break with the violent practices imposed by social norms. In the field of Psychology, it is of utmost importance to use its fundamentals, in order to adequately guide families, helping them to change their conscience and to posit their members' self-esteem, since this institution has a lot of influence in the production of subjectivity of its members.

**Keywords:** Family homophobia. Homosexuality. Family. Heteronormativity.

## INTRODUÇÃO

Os homossexuais, que são os sujeitos que sentem atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo são violentados cotidianamente em nossa sociedade, essa violência sofrida por essa população é denominada como homofobia. Em harmonia com Costa e Nardi (2015) essas práticas violentas ocorrem devido à sociedade ter sido estabelecida dentro de um

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione. Araguaína, TO. E-mail: henriquob@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá, mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis. Professor da Faculdade Católica Dom Orione. Araguaína, TO. E-mail: gilsonpsico@gmail.com

---

embaralhado de normas e padrões sociais, alicerçada na heteronormatividade. Frente a isso, os homossexuais são colocados às margens da sociedade, estando vulnerável às diversas formas de violências, seja fora ou dentro de sua casa.

Devido à sociedade não medir esforços para utilizar-se de violências contra os homossexuais, muitos veem na família um local de apoio e proteção, assim como é ensinado desde o nascimento do sujeito. Contudo, a família, por ser uma construção social, também é constituída a partir das normas sociais vigentes, fazendo com que essa imagem de proteção não seja viável para sujeitos desviantes das normas, passando a ser mais um ambiente hostil para os homossexuais (COSTA, 2015). Diante disso, é importante problematizar o que realmente é a família, uma vez que se o sujeito precisa ser uma versão diferente de si para se enquadrar e ser aceito, não é uma questão de família.

Considerando a importância de expandir as discussões a respeito das violências sofridas por pessoas homossexuais no seio familiar, este estudo objetivou investigar o que tem sido produzido na área acadêmica sobre esta temática, além de expor o quão violento é as relações familiares quando se há a presença de um membro homossexual, que em muitos casos acarretam na expulsão/saída de casa. Para isso, o presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, produzida a partir de estudos que desenvolveram discussões sobre a homofobia familiar e questões que atravessam a temática.

Com os dados desta revisão, pretende-se contribuir e somar esforços para se pensar em possíveis formas de atuação para com esse grupo de modo a conter ou amenizar as formas de violências sofridas por esse determinado grupo, além de aumentar as discussões a respeito da temática no campo da Psicologia, principalmente porque este campo do saber se preocupa incessantemente em promover a saúde e o bem-estar das pessoas e das coletividades, contribuindo para a destruição de quaisquer configurações de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005).

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

### **2.1 A família como dispositivo disciplinador**

Em linhas gerais, a família é caracterizada por um grupo de pessoas vinculadas por laços sanguíneos e laços de afeto. Entretanto, no que concerne a sua estrutura e sua função,

percebe-se que a mesma é uma criação humana que, devido a uma construção social e histórica, foi idealizada como uma instituição responsável pela guarda dos efeitos sociais de seus membros e também pelo cuidado e proteção de tais, sendo um lugar de paz, amor, harmonia e fraternidade, ou que pelo menos deveria ser (DONZELOT, 1986; SARTI, 2004).

Santos, Brochado Júnior e Moscheta (2004) complementam que a família pode ser compreendida como um ambiente privado em que os sistemas de crenças e valores são internalizados em conjunto com os papéis e as edificações de gênero, o que constrói e reforça os preconceitos e tabus que são propagados intergeracionalmente, e que são constantemente construídos, desconstruídos e reconstruídos, refutados ou reafirmados.

Essa concepção de família mencionada acima, foi produzida e é difundida como ideal pelo modelo heteronormativo, que concerne, de acordo com Cancissu (2007) em um sistema moral implícito, um sistema social de privilégios, uma ideologia que promove a normatividade relativa ao gênero, à heterossexualidade e ao tradicionalismo familiar. É gerada por leis sociais, que administram o desejo e a projeção dos gêneros e que, para esse fim, têm de ser constantemente repetidas e reiteradas com o intuito de dar o efeito naturalizado, logo sem muitos questionamentos sobre tal. Esse efeito é performativo, em outros termos, consegue produzir aquilo que nomeia e, dessa forma, reitera e patenteia as normas de gênero aceitáveis (BUTLER, 2003).

Foucault (2005) expõe que a nossa sociedade se firma na necessidade de construir e disciplinar os indivíduos, com a finalidade de criar sujeitos que trilhem passos exclusivamente da heterossexualidade e propaguem os preceitos associados à mesma. Assim, é preciso que fique evidente que a heteronormatividade abrange a sociedade em sua totalidade, logo, todos estão submissos aos seus pressupostos, pois, ela é uma categoria que estrutura e fundamenta a dinâmica social.

Contudo, essas discussões acerca da heterossexualidade nem sempre existiram, haja vista que a sexualidade, ainda conforme Foucault (2005) é tida como um “dispositivo histórico”, ou seja, foi criada socialmente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo, discursos estes que visavam a dominação dos corpos a partir de regulações, que normatizavam e instauravam saberes, produzindo verdades. Dessa forma, podemos notar que o percurso da sexualidade foi um processo de disciplinarização, onde a população alicerçada em suas normas e valores, definiu a formação de um sujeito “civilizado”, que vive em concordância com as redes de saber-poder que atravessa a sociedade, agindo sobre os corpos e populações ao executar padronizações e modos de vida. É importante mencionar que os

apontamentos de “certo” e “errado” construído pelas normas sociais, é feito a partir de um lugar de poder, um lugar que é social, político, filosófico e religioso (BORGES et al., 2013)

Louro (2020) relata que o corpo passou a ganhar sentido a partir do social, dado que estes são construídos simbolicamente pelas redes de saber-poder de uma determinada sociedade. Dentro dos inúmeros modelos de organização da vida social, são produzidos sistemas de classificação dos corpos e das expressões de gênero, de modo a delimitar o certo e o errado. Ao classificar os sujeitos, toda a sociedade determina suas divisões e impõe rótulos, a fim de firmar as identidades. Ela determina e, de maneira sutil ou violenta, ainda distingue e discrimina. Elencando o que pode ser vivido ou expressado no ambiente público e no privado. Para isso, toma-se como modelo o homem branco, de classe média, urbano, heterossexual e cristão. Quem não se enquadra nessas características, está sujeito a sofrer algum tipo de violência, que é o caso dos homossexuais.

É importante mencionar que a violência, assim como exposto por Brito (2019) trata-se de um fenômeno extremamente extenso e abstruso da qual a definição não pode ter efetividade científica estática, uma vez que diz respeito a uma questão de apreciação, é manipulada pela cultura de cada região e submetida a uma constante revisão, à medida que os valores e as normas sociais desenvolvem.

Para Kruczeveski e Mariano (2014) a principal contribuinte para a solidificação desse modelo de família fincada na heteronormatividade foi o cristianismo, para os autores, a moral cristã, especialmente a difundida pela Igreja Católica, corroborou para que a família reconhecida e desejada fosse a heterossexual e esta visão é reforçada pela imagem e função da sagrada família. “O cristianismo, herdeiro da tradição judaica, transformou a heterossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal” (BORRILLO, 2010, p.27).

Além disso, no modelo de família em questão, nota-se que há uma estruturação hierarquizada e vertical, onde a figura do homem tem como marca a superioridade hierárquica do pai de família que se posiciona no topo da pirâmide, seguido pela esposa e filhos que lhes devem obediência, um sistema que garante privilégios aos homens, simplesmente pelo fato de possuir um pênis. Butler (2003) expõe que essa organização social que acontece a partir das genitálias, assim como mencionado anteriormente, diz respeito às questões relacionadas ao gênero, que nos diz tratar-se de uma categoria, não uma categoria fixa e pré-discursiva, mas construída por atos repetidos e estilizados pelo sujeito generificado.

Diante do exposto, observa-se que o gênero é uma representação que é experienciada pelas performances dos indivíduos sociais que as experienciam por meio da vivência espacial cotidiana e concreta, sendo assimilado para além da simples representação de funções a serem executadas por corpos de homens e mulheres perante a hegemonia da heteronormatividade, é uma complexidade infundavelmente aberta, “ que participam ativamente dos processos de subjetivação e por isso pode ser reconhecido como uma forma primária de produção de sujeitos” (TOKUDA, PERES E ANDRÊO, 2016, p. 923).

De acordo com Borges et al. (2013) os desdobramentos do patriarcado percorrem por diferentes períodos históricos, adquirindo roupagens mais modernas, se adequando aos diferentes tempos. Dentro da sociedade atual, nota-se cotidianamente a presença de traços patriarcais transvestidos de misoginia e heteronormatividade. Os valores que erguem o pensamento heteronormativo e misógino mantêm-se ancorado em pressupostos patriarcais, especialmente no que concerne à sujeição do outro a uma circunstância não apenas irrefutável, mas também velado de subalternidade, desrespeito e rebaixamento. Dessa forma, nota-se que a família foi e ainda é, um dispositivo que funciona para a manutenção da cultura patriarcal, sendo o dispositivo uma teia de poder que cria e controla os sujeitos.

## **2.2 O “armário” da homossexualidade**

Considerando toda a problemática já citada no decorrer deste trabalho, observa-se que os homossexuais vão em desencontro com o que a família enquanto sociedade construiu por anos, uma vez que o esperado era a continuação de uma sociedade patriarcal, higienizada, racionalizadora e atenta de modo a não difundir nenhum tipo de ameaça de grupos minoritários, que afetem a moral das famílias tradicionais, fazendo com que as práticas afetivo-sexuais desse grupo, disponha de potencial questionador em relação a essa organização familiar, passando a ser visto como uma ameaça as normas sociais (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Assim, a família utiliza-se de diversas formas de violência para barrar os comportamentos “desviantes” dos modelos hegemônicos de sexualidade, isso é, por subverterem o que seria o gênero “adequado” ao sexo biológico. É importante mencionar que essa violência presente no âmbito familiar, por vezes é mais dolorosa do que as violências sofridas na rua, uma vez que o sujeito percebe que o agressor é alguém que por toda manteve

---

relações próximas de afeto (TOLEDO; TEIXEIRA-FILHO, 2013; FEITOSA, 2016; SOLIVA, 2014).

Braga et al. (2018) e Schulman (2010) explicam que as reações familiares frente a descoberta da sexualidade do membro familiar, é de suma importância para a construção da identidade homossexual do sujeito, mas, observa-se que grande parte dos homossexuais não têm uma boa aceitação no ambiente familiar, o que leva a consequências dramáticas, como: oito vezes mais possibilidade de ideação e tentativa de suicídio, seis vezes mais probabilidade de terem depressão, três vezes mais propensão a usarem drogas ilegais e três vezes mais probabilidade de terem uma relação sexual desprotegida em relação aos homossexuais que tiveram uma boa aceitação familiar.

Frente as discussões levantadas no decorrer deste trabalho, nota-se que as relações domésticas são reveladoras de pesados dispositivos de poder que caracteriza um empenho de heterossexualização compulsória. Esse empenho faz com que os comportamentos tidos como desviantes acerca da sexualidade e do gênero aceitável sejam manipulados pelos familiares, na tentativa de realizar a reintegração desses jovens à norma sexual dominante, utilizando de argumentos relacionados a qualidade de vida do homossexual e por vezes a “má fama” e o “falatório” que essa informação pode atrair dentro da sociedade (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014).

Frente as diversas violências vivenciadas pelos homossexuais, o sujeito acaba por colocar sua subjetividade em um ambiente “seguro”, a qual denomina-se como “armário”. O armário funciona como um mecanismo de administração da vida dos homossexuais, sendo mais um fenômeno de reforçamento da heterossexualidade compulsória (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014.) Assim, de acordo com Silva et al. (2015) assumir-se publicamente a sua sexualidade, independentemente dos contextos a qual se assume, não é uma situação fácil e confortável, é um ato de conquista e de muita coragem para enfrentar todas as turbulências envolvidas.

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa acerca da homofobia familiar. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008) a revisão integrativa refere-se a um método que visa agrupar e sintetizar resultados de pesquisas acerca de um determinado assunto ou

---

questão, possibilitando uma investigação no conhecimento científico aprofundada na temática.

Para a construção do estudo, seguiu-se as seguintes etapas: seleção dos estudos e definição dos critérios de inclusão e exclusão; aquisição dos estudos que compõem a amostra; análise dos estudos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão integrativa. Inicialmente foi realizada a busca dos estudos, que ocorreu durante os meses de agosto e setembro de 2020, de forma *online*, nas seguintes bases de dados: biblioteca eletrônica Scielo, Google Acadêmico, Pepsic e Banco de dados de teses e dissertações CAPES. Onde utilizou-se dos descritores: homofobia familiar, vivências homossexuais, patriarcado, homossexualidade e família, violência e heteronormatividade.

Os estudos selecionados obedeceram aos critérios de inclusão, sendo eles: estudos que trouxeram embasamentos que possam contribuir para a construção do estudo; ter sido publicado até a data da busca; estar escrito em língua portuguesa. Foram excluídos os trabalhos que não traziam discussões aproximadas com a temática em questão. Em seguida, foi realizada avaliação da qualidade metodológica dos estudos e, posteriormente feita a seleção final dos estudos.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Mediante o uso dos descritores nas bases de dados selecionadas, o processo de busca dentro dos critérios de inclusão estabelecidos, obteve como resultado 21 estudos, sendo artigos, livros e dissertações, que elencaram reflexões e discussões que se aproximavam com o que se pretendeu discutir neste trabalho. Grande parte dos estudos foram publicados em diferentes revistas voltadas para áreas das ciências sociais e afins, em especial no campo da Psicologia. Observou-se que os estudos encontrados tiveram, em sua maioria, publicações introduzidas no período entre os anos 2008 e 2020, o que manifesta o interesse dessa questão nas produções enquanto algo recente.

O quadro abaixo apresenta a relação de material utilizado para a construção deste estudo. A tabela é composta pelos nomes dos autores, ano de publicação, e título do estudo. Posteriormente inicia-se a discussão dos resultados, que foram organizados em dois eixos temáticos: Repensando o conceito de família; A Homofobia Familiar. Vale destacar que os eixos temáticos que apresentamos a seguir têm, antes de tudo, uma divisão didática, já que dialogam entre si constantemente e, muitas vezes, perpassam uma a outra.



**Tabela 1:** Tabela referente aos estudos analisados

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
BORGES, Z. N. et al.	2013	Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas
BORRILLO, D.	2010	Homofobia: história e crítica de um preconceito
BRAGA, I. F. et al.	2018	Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo
BRITO, T. H. S.	2019	Uma análise sobre as formas de violência familiar contra pessoas LGBTQI+.
BUTLER, J.	2003	Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade
CANCISSU, C. R. P.	2007	Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso
DONZELOT, J.	1986	A polícia das famílias
FEITOSA, C.	2016	As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT
FOUCAULT, M	2005	História da Sexualidade, v. I: a vontade de saber
KRUCZEVESKI, L. R.; MARIANO, S. A.	2014	Família nuclear patriarcal: breves notas sobre a (re) construção da teoria social e os estudos feministas
LOURO, G. L.	2020	Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer

- 
- NASCIMENTO, G. C. M.; 2018 A Revelação da Homossexualidade na Família:  
 SCORSOLINI-COMIN. Revisão Integrativa da Literatura Científica
- PERUCCHI, J.; 2014 Aspectos psicossociais da homofobia  
 BRANDÃO, B. C.; intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays  
 VIEIRA, H. I. S.
- SANTOS, M. A.; 2007 Grupo de pais de jovens homossexuais  
 BROCHADO JUNIOR, J.  
 U.; MOSCHETA, M. S.
- SARTI, C. A. 2004 A família como ordem simbólica
- SCHULMAN, S. 2010 Homofobia familiar: uma experiência em  
 busca de reconhecimento.
- SILVA, M. M. L. et al. 2015 Família e orientação sexual: dificuldades na  
 aceitação da homossexualidade masculina
- SOLIVA, T. B. 2010 Família e Homossexualidade: uma análise da  
 violência doméstica sofrida por jovens  
 homossexuais
- SOLIVA, T. B.; SILVA 2014 Entre revelar e esconder: pais e filhos em face  
 JUNIOR, J. B. D. da descoberta da homossexualidade
- TOKUDA, A. M. P.; 2016 Família, gênero e emancipação psicossocial  
 PERES, W. S.; ANDRÊO,  
 C.
- TOLEDO, L. G.; 2013 Homofobia familiar: abrindo o armário entre  
 TEIXEIRA-FILHO, F. S. quatro paredes

---

**Fonte:** Elaborada pelos autores

#### **4.1 Repensando a concepção de família**

A concepção de família na sociedade é tida como um grupo de pessoas ligadas por laços sanguíneos, sendo composta por um casal heterossexual e seus filhos e que, comumente, dividem o mesmo teto, sendo um contexto de trocas de compartilhamentos, solidariedade, amor, respeito mútuo, agregação dos indivíduos, dentre outras características que estruturam as crenças e costumes de cada núcleo familiar. Diante dessas características mencionadas anteriormente, observa-se que há uma exigência de posturas ideais, isto é, uma postura compatível ao modelo hegemônico, abrangendo tanto na organização e estruturação da família, quanto na instituição social e nas condutas de seus membros, embasado por um ideal heteronormativo (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; BUTLER, 2003).

Ainda de acordo com Perucchi, Brandão e Vieira (2014) observa-se que a imagem da família é tida socialmente como um lugar de agregação, trocas de afetos e companheirismo. Contudo, essas características não são encontradas, ou melhor, não são transmitidas para membros que se reconhecem como homossexuais, pois, por não se enquadrarem no ideal estabelecido pela sociedade, não recebem a mesma atenção e cuidado que os demais membros que seguem o modelo hegemônico, fazendo com que a permanência no “armário” seja prolongada, a fim de não perder os vínculos com aquela instituição que, desde o nascimento, foi ensinado que deve ser amada, valorizada e respeitada acima de tudo.

Para Donzelot (1986) o Estado passa para as famílias de origens a função de se preocupar e manter seus membros nas ordens sociais, a fim de manter as regras da obediência. A não obediência poderá acarretar no desmembramento dos laços familiares, o autor relata também que o não pertencimento a uma família coloca os sujeitos como um problema de ordem pública, considerando-os como vagabundos que, por não estarem em nada ligados ao aparelho social, desempenham o papel de perturbadores do sistema, favorecendo, de certa forma, com as ações de biopoder, que diz respeito a uma técnica que visa produzir corpos politicamente dóceis, a qual disciplinam os corpos e as biopolíticas, reguladoras das vivências interpessoais e familiares (TOKUDA; PERES; ANDRÊO, 2016).

Assim, em conformidade com os estudos de Kruczeveski e Mariano (2014) a família de origem atua como um dispositivo de propagação e reiteração da norma e da repetição dos modos de discriminação e violência, que conseguem ser vistas em ambientes mais amplos da sociedade, trabalhando nas pequenas esferas dos vínculos de parentesco e coabitação, reproduzindo padrões hierárquicos e opressores que se atualizam de acordo com o período

histórico vivenciado. A norma, conforme Foucault (2005), está inscrita entre as "artes de julgar", ela é um princípio de comparação. Assim, por estar fincada na heteronormatividade, a família de origem acaba sendo um terreno fértil para discursos normativos, havendo sempre um padrão normativo a ser seguido, da qual todo os que não se sentem pertencentes a essas normas tornam-se "desviantes" ou "anormais", quando não, "patológicos" (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; SARTI, 2004).

Todavia, em harmonia com os estudos de Schulman (2010) quando a família de origem não consegue, de certa forma, "educar" seu filho para ser heterossexual, inicia-se diversas formas de violência, para com o indivíduo, a fim de retirá-lo do lugar de pecado. Frente a esse contexto, vê-se na necessidade de se questionar sobre o que realmente é família, tendo em vista que os ensinamentos passados de geração em geração, é que a família é sinônimo de lar, um ambiente afetuoso e de companheirismo. Entretanto, essa afetividade e companheirismo só privilegia as pessoas heterossexuais, pois, quem caminha em sentido contrário, assim como os homossexuais, não podem e não conseguem, em muitos casos, manter uma relação minimamente acolhedora e respeitosa.

Na tentativa de se proteger e/ou manter as relações familiares de forma harmoniosa, o sujeito acaba optando por continuar aprisionado no "armário", ocultando todas as expressões e performances que não condizem com a heterossexualidade, sendo mais um tipo de violência sofrida, pois precisa empenhar-se em administrar uma sexualidade falsa, onde, muitas vezes é pressionado pela família, para que o mesmo prove que realmente é alguém "normal". Em outros casos, a saída de casa é uma das formas possíveis, onde o sujeito se junta com um grupo de amigos, que geralmente saíram de casa devido às mesmas circunstâncias, formando assim, um grupo de apoio (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Para Cancissu (2007) os amigos passam as ser uma nova família, um grupo com aberturas para se viver a sua sexualidade, um lugar de apoio social, normalmente pouco encontrado em uma sociedade heterossexual, além disso, essa rede de apoio atua como facilitadora na aceitação de sua identidade, oferecendo-lhes modelos de identificação e referência imprescindíveis para a formação de uma identidade homossexual, possibilitando expressar a sexualidade distante da vigilância da família de origem. Dessa forma, segundo Sarti (2004) compreende-se que a família não se define pelos indivíduos unidos por laços biológicos, e sim pelos significantes que agregam os elos de sentido nas relações, sem os quais essas relações se esfacelam, precisamente pela perda ou inexistência de sentido.

Vale mencionar, que nem sempre as pessoas homossexuais conseguem construir um grupo de apoio, o que irá caracterizar uma grande preocupação social em diversos setores sociais, como presenciados no processo saúde-doença do indivíduo, no aumento da marginalidade e no cenário de prostituição, além das tentativas e ideações de suicídio. Assim, é importante repensar o que se tem construído sobre família, uma vez que não se deve romantizar aquilo que é popular, pois pode estar, muitas vezes, sendo adocedor para uma determinada pessoa ou grupo. Deve-se pensar em uma lógica de família sinônimo de intimidade, trocas e respeito, pois, quando o sujeito precisa ser uma versão diferente de si para se enquadrar e ser aceito, não é uma questão de família (FEITOSA, 2016; BRAGA et al., 2018).

#### **4.2 A Homofobia familiar**

A homofobia diz respeito a uma atividade de hostilidade em contraposição aos homossexuais, um sentimento de fobia, aversão e ódio que ocasiona a abjeção, a desumanização, a diferenciação e o distanciamento do indivíduo homossexual (BORRILLO, 2010). A homofobia se aproxima de outras formas de discriminação como a xenofobia e o racismo, dado que consiste em julgar o outro, no caso o homossexual, como desigual, inferior e/ou anormal. Além disso, assim como qualquer outra forma de intolerância, a homofobia se articula à volta de sentimentos, atos e dispositivos ideológicos e institucionais, configurando-se como um recurso que cria e reproduz um sistema de diferenças para defender a exclusão e a dominação de uns sobre outros (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

A família de origem, localizada dentro desse sistema mencionado anteriormente, reproduz discursos a respeito da repulsa pelo homossexual, empenhando-se em retirar da sociedade aquilo que não condiz com a norma social vigente. Ao se deparar com um dos seus membros se percebendo como homossexual, as famílias de origem acabam respondendo de modo a estranhar a revelação da sexualidade do membro familiar, podem se sentir traídos pelos filhos por presumirem que os conheciam em todas as suas particularidades, mas que no fundo “ocultavam” algo deles (SANTOS; BROCHADO JÚNIOR; MOSCHETA, 2007)

Na visão de Soliva (2010) a homossexualidade quando descoberta pela família de origem torna-se um sério obstáculo, pois muitas são as experiências frustradas que se inscrevem na relação filho versus família de origem, sendo esse um fator que leva o sujeito a adiar sua “saída do armário”, sendo um processo doloroso, haja vista que o sujeito precisará

---

gastar energias para administrar uma sexualidade falsa, evitando por diversas formas entrar em contato com a realidade, na tentativa de construir uma masculinidade insuspeita.

Contudo, quando o sujeito decide “sair do armário”, observa-se que a família de origem, muitas vezes não opera como protetora e provedora de saúde e dignidade de tais indivíduos, mas, pelo contrário, atua como um dispositivo de reiteração da heteronormatividade, por intermédio de formas de violências guiado para a subalternização das expressões desviantes, mediante mecanismos violentos, a parâmetros binários e naturalizados da prática da sexualidade (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Para Soliva e Silva Junior (2014) essas violências são expressadas de diversas formas, a partir de agressões, ameaças e outras tantas variações, que comunicam a intolerância, a frustração e os medos que esses familiares frequentemente manifestam quando se esbarram com a presença de um filho homossexual. Essa violência presente no seio da família de origem para com o sujeito homossexual, denomina-se como homofobia familiar. De acordo com Toledo e Teixeira-Filho (2013) a homofobia familiar trata-se de um fenômeno que faz parte da vida da população homossexual e que se caracteriza como uma crise cultural ampla, na medida em que diz respeito a uma violência inequívoca, porém, ao mesmo tempo, negada e invisibilizada no mundo privado.

Em harmonia com Schulman (2010) as especificidades e proporções da homofobia familiar são amplas, podendo variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão e aniquilamento, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa homossexual, ou até a crueldades diretas e indiretas, que de fato acabam com a vida daquela pessoa. Em linhas gerais, a homofobia familiar é um modo de preconceito que se articula no contexto familiar como dispositivo de legitimação da violência, que acaba gerando o corte dos vínculos afetivos, além do afastamento temporário ou permanente entre o sujeito homossexual e seus familiares. O lar acaba sendo um local de contradições, uma vez que se espera que ele seja um lugar de apoio e refúgio perante as discriminações vindas da sociedade (NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018);

Apesar dessas violências sofridas cotidianamente, as mesmas não são vistas, ou melhor, são invisibilizadas pelas indiferenças, as vezes tida como necessária e com certa função reparadora, capaz de trazer a pessoa a “normalidade”, ou seja, de volta a heterossexualidade, incentivada pelos agentes familiares. As famílias de origem utilizam de acentuadas violências contra homossexuais em nome do “amor e proteção” resultantes de ideias propagadas, principalmente, pelo cristianismo, que por muito tempo utilizou-se de

---

discursos homofóbicos em nome da fé e da moral, discursos estes que refletem até os dias de hoje (BRITO, 2019).

A religião e suas perspectivas a respeito das orientações não heterossexuais, são rotineiramente mantenedores de significados negativos, que impossibilitam transformações fundamentais para a aceitação e legitimação da mesma em sociedade. Verifica-se que nessas designações das crenças religiosas daquilo que é percebido como “puro” ou “impuro” arrevesam a aceitação e a mudança social mais ampla, isto se torna notório nos casos em que, pessoas com orientação não heterossexual afastaram-se de suas respectivas igrejas para vivenciarem sua homossexualidade ou ainda, buscam uma igreja “inclusiva” que aceitam, ou melhor, toleram o sujeito não heterossexual, na medida em que o sujeito se enquadre nos moldes cristãos (SILVA et al., 2015).

Segundo Braga *et al.* (2018) o sujeito por não se ver pertencente à família de origem, pensa em muitas possibilidades que possa, de alguma forma, livrá-lo do sofrimento cotidiano. Uma parte das pessoas homossexuais, conseguem sair de casa sem muitas implicações, pois, dependendo da estrutura financeira e social, o mesmo adquire o apoio de grupos de amigos, que passam a ser sua nova família, ou até mesmo, consegue um lugar próprio, isto é, comprar ou alugar algum imóvel. Entretanto, alguns não dispõem desse privilégio, e veem na rua a forma mais rápida para se livrar da violência familiar.

A família de origem, portanto, que poderia ser parte essencial na promoção do bem-estar, acaba sendo uma peça na engrenagem dos dispositivos de poder, contribuindo para o desencadeamento de situações constrangedoras e dolorosas para os homossexuais que procuraram suporte e/ou alívio do sofrimento em suas redes de amizades ou na rua. Assim, o espaço familiar de origem, que deveria ser acolhedor, empenhado em inserir o sujeito na dinâmica da sociedade e oferecer segurança, transforma-se em um ambiente hostil, que busca reenquadrar o sujeito, através de mecanismos violentos, a modelos binários e naturalizados de exercício da sexualidade (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Diante do contexto exposto, nota-se que a sociedade mediante suas normas e dispositivos determinam o que deve pertencer ou não a ela, excluindo e silenciando os sujeitos que não se encaixam. Concorde-se com Butler (2003) onde relata que na sociedade a qual vivemos há corpos que possuem valores sociais a mais do que outros, o que garante privilégios e exclusão, dependendo do contexto a qual o sujeito se encontra. Assim, de acordo com os pensamentos de Louro (2020, p. 42) faz-se “necessário empreender uma mudança

---

epistemológica mais radical, que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos, a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão”.

Vale mencionar, que as consequências dessas práticas violentas, discutida no decorrer desse trabalho são demasiadamente desastrosas tanto para aqueles que sofrem diretamente com tal preconceito como para os familiares e, acima de tudo, para a sociedade, que abre mão da sua competência democrática ao atuar com intolerância e desrespeito às vivências e experiências alheias (BORGES et al., 2013).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A revisão de literatura permitiu compreender o quão violento são as vivências dos homossexuais na família de origem, que acarretam muitas vezes na saída/expulsão de casa. Pelos achados encontrados, fica clara a necessidade de elaboração de investigações que busquem expor assuntos relacionados com a temática na literatura científica brasileira, uma vez que não foi encontrado uma quantidade expressiva de estudos sobre o assunto e, os encontrados são, em sua maioria, discussões relacionadas com a homofobia, não sendo propriamente a homofobia familiar.

Face às discussões deste trabalho, ressalta-se a necessidade de pesquisas e outros tipos de projetos que desenvolvam ações que acolham os homossexuais, seja este dentro da casa da família de origem ou em situação de rua, no sentido de garantir mais espaços de debate e luta política para a efetivação de direitos sistematicamente violados. Além disso, fazer com que a sociedade repense os seus comportamentos, na tentativa de romper com as práticas violentas impostas pelas normas sociais.

No campo da Psicologia, é de suma importância novos debates acerca da temática, principalmente por ser um campo de saber que se preocupa em combater as formas de violência e opressão dentro da sociedade, fazendo cumprir o que é exposto em seu código de ética. Além disso, é importante que esse campo se utilize de seus fundamentos para orientar, de forma adequada, as famílias, ajudando-as na mudança de consciência e positividade da autoestima de seus integrantes, uma vez que essa instituição tem muita influência na produção de subjetividade de seus membros.

A família localizada dentro desse cenário já exposto, se impõe como modelo inquestionável, devido a cristalização da cultura patriarcal e heteronormativa, impondo para com seus membros as normas sociais vigentes, objetivando sempre a reprodução. Essa



imposição inicia-se antes mesmo do nascimento dos filhos, dado que, na descoberta da gravidez da mãe, o casal já pensa em possíveis nomes, roupas, relacionamentos, casamento, filhos, etc. tudo a partir de uma ótica que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. Contudo, ao se deparar com um filho se percebendo como homossexual, acaba por desestabilizar o “palácio de pedras preciosas” construído no imaginário social daquela família. O grupo então inicia-se uma busca, visando a retirada do filho desse “caminho errado”, pois, a permanência de um dos seus membros fora dos padrões socialmente aceitos, é tido como uma vergonha, utilizando desse raciocínio para justificar inúmeras formas de violências para com os homossexuais (ALVES; MONIZ, 2015).

## REFERÊNCIAS

ALVES, E. A.; MONIZ, A. L. F. A família no processo de coming out: sair do armário. **J Bras Cien Saúde**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2015

BORGES, Z. N. et al. Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas. **Latitude**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1065/0>>. Acesso em: 09 set. 2020.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Autêntica, 2010.

BRAGA, I. F. et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1295-1303, 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672018000901220&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672018000901220&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 02 set. 2020.

BRITO, T. H. S. **Uma análise sobre as formas de violência familiar contra pessoas LGBTQI+**. 2019. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Católica do Salvador – UCSal, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CANCISSU, C. R. P. **Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso**. 2007. 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005.

COSTA, Â. B.; NARDI, H. C. Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015.

COSTA, I. N. M. **As novas configurações familiares e sua influência na sociedade e na mídia**. 2015. 53F. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FEITOSA, C. As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT. **Periódicus**, n. 5, p. 300-320, 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17193>>. Acesso em: 26 out. 2020

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade, v. I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.

KRUCZEVESKI, L. R.; MARIANO, S. A. Família nuclear patriarcal: breves notas sobre a (re) construção da teoria social e os estudos feministas. In: III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2014, Londrina. **ANAIS [...]** Londrina: UEL, 2014. p. 1-8, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais/iii-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>>. Acesso em: 22 set. 2020.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MENDES, K. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018)>. Acesso em: 19 set. 2020.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Temas em Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 20 set. 2020.

PERUCCHI, J; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v.19, n. 1, p. 67-76, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 23 set. 2020.

SANTOS, M. A.; BROCHADO JUNIOR, J. U.; MOSCHETA, M. S. Grupo de pais de jovens homossexuais. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762007000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200002)>. Acesso em: 02 out. 2020.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000200002&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 16 set. 2020.

---

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidade**, v. 4, n. 5, p. 68-78, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>>. Acesso em: 19 set. 2020.

SILVA, M. M. L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 667-692, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012)>. Acesso em: 05 set. 2020.

SOLIVA, T. B. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9, 2010, Santa Catarina. **ANAIS [...]** Santa Catarina: UFSC, 2010. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=605](http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605)>. Acesso em: 03 out. 2020.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. D. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 17, p. 124-148, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872014000200124&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872014000200124&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2020.

TOKUDA, A. M. P.; PERES, W. S.; ANDRÊO, C. Família, gênero e emancipação psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 921-931, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000400921&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000400921&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 09 set. 2020.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário entre quatro paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672013000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005)>. Acesso em: 17 set. 2020.

---

Recebido para publicação em novembro de 2020.  
Aprovado para publicação em janeiro de 2021.